

Fabiola Fonseca > **Pequenas experimentações de escrita com fungos, bactérias e seres afins**

Resumo

Trata-se de uma narrativa poética sobre o processo criativo da obra "Proliferações" (2019) feita durante o pós-doutorado da autora pelo Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Palavras-chave: Ciência e arte. Bioarte. Fungos.

> Fabiola Fonseca é bióloga e mestre em educação pela Universidade Federal de Goiás, doutora em educação pela Universidade Federal de Uberlândia com doutorado-sanduíche pela Universidade Harvard. Atualmente está vinculada ao pós-doutorado em artes pela Universidade Federal do Ceará, onde desenvolveu a instalação artística "Protocolo Fungo" (2019). Publicou o livro de artista "Manual de como fazer sua mosca transgênica" com financiamento público de cultura.

ORCID ID: 0000-0001-6349-1503

COMO CITAR:
FONSECA, F. (2020). PEQUENAS EXPERIMENTAÇÕES DE ESCRITAS COM FUNGOS, BACTÉRIAS E SERES AFINS. REVISTA VAZANTES, 4(2), 226-249. [HTTPS://DOI.ORG/10.36517/vazppgartesufc2020.2.60842](https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2020.2.60842)

Fabíola Fonseca **Small experiments in writing with fungi,
bacteria and similar beings**

Abstract

This is a poetic narrative about the creative process of the artwork "Proliferações" (2019) made during the postdoc of Fabíola Fonseca at Instituto de Cultura e Arte (ICA) of Universidade Federal do Ceará (UFC).

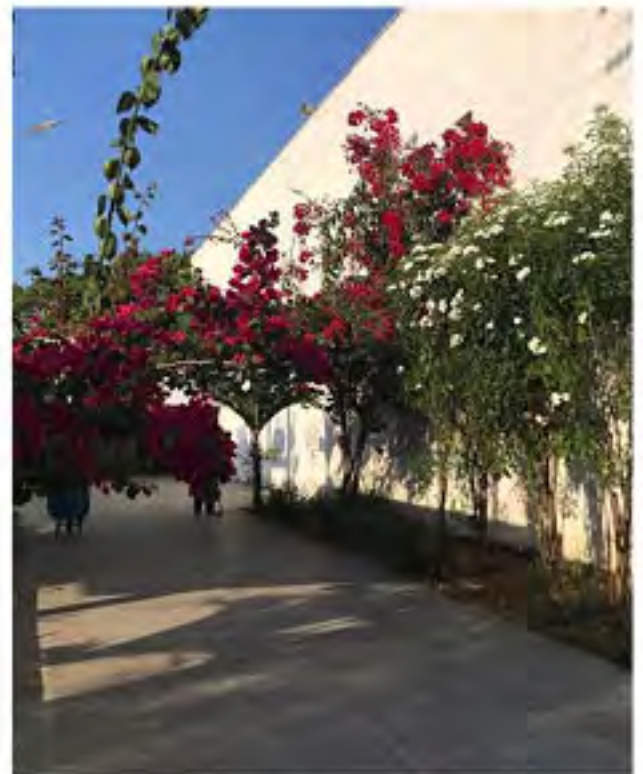
Keywords: Science and art. Bioart. Fungi.

Escrever é usar a força do corpo, os nossos gestos, os nossos silêncios e solidões; é usar nossas possibilidades de deslocamentos; é escrever com a boca, com o estômago, com os olhos, com as formigas. Escrever é deixar que gritem em nós as raposas, as baleias, as samambaias, os vermes, as pedras, as nuvens. E a gente nem precisa de palavras pra isso porque escrever é escutar um enorme barulho quando a sua volta está o mais absoluto silêncio. A gente começa a escrever com as mãos vazias, distantes de lápis, canetas ou qualquer outro tipo de tinta capaz de iniciar um papel (ou equipamento eletrônico). Acho que a questão de escrever passa por isso também, da gente se esvaziar pra começar a se proliferar sabe-se lá por onde. E esse movimento é um dos encantamentos da escrita:

perder-se para perceber as frestas, os vazios, os silêncios, os sons e cheiros.

Talvez este seja um aprendizado sobre como transbordar pela escrita, a me deixar povoar por essas estranhas partículas de quando a gente decide escrever. Isso tem sido parte do meu processo criativo, pequenas experimentações de escrita. A coleta de fungos que fiz na cidade de Fortaleza foi também uma dessas experimentações. Mudei para cá no começo de 2018, quando meu projeto foi aprovado por um edital da FUNCAP para jovens doutores e precisaria criar uma obra de arte ou melhor, uma instalação artística como dizia no projeto, a partir de uma residência em algum laboratório de pesquisa em biologia. O meu projeto foi aceito pelo Programa de pós-graduação em Artes no Instituto de Cultural e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A entrada do ICA é cheia de árvores de bougainville, elas dão uma cor bonita ao lugar. Me impressionaram desde sempre. Eu fazia ^{meas} experimentações de enquadrá-las com meus olhos em contraste com o céu azul. Fortaleza tem um céu de cores bonitas. A incidência solar ~~é~~ faz um céu azul-brilhoso que eu não sei descrever de tão belo...
 → Peguei uma das flores que estavam no chão



Eu já tinha vindo em Fortaleza duas vezes, mas em nenhuma delas tinha percebido o mar tão verde quanto dessa vez. Ali naquela região do Barra do Ceará, **o mar se apresenta em uma imensidão.** Parece que ele tá sempre crescendo. E ele é tão grande, mas tão grande que mal eu sabia que nessas frestas acentuariam mais ainda o meu gostar de pôr de sol e se revelariam paixões por conchas, peixe-boi e pelo sotaque cearense. A gente precisa experimentar o mar para perceber mais ainda que escrevemos mesmo é com o corpo.

Quando entrei no Laboratório de Micologia Médica, vinculado à Faculdade de Medicina da UFC, para desenvolver meu projeto e comecei a conhecer os escopos das pesquisas, percebi que aquilo tudo era diferente de muito do que já tinha feito. Lá a maior parte das pesquisas têm por objetivo encontrar antifúngicos e uma das grandes dificuldades disso encontra-se no fato das células dos fungos se assemelharem às nossas. Logo, um fármaco que ataque as células deles também podem atacar as nossas. Aprendi isso lá no laboratório. Aos poucos fui me aproximando das pessoas e quando vi já estávamos juntos nas bancadas do laboratório ou rindo na copa enquanto tomávamos café. Não sabia o que faria, ainda estava no começo da residência artística. Nesses começos gosto de exercitar com os protocolos do laboratório, pois eles se aproximam daquilo que existe em mim, mas que precisa ser remexido para que a criatividade ganhasse movimento. Foi então que fiz pequenos traços em uma placa de Petri com o fungo *Candida sp* e deixei crescendo por uns dias. Usei três espécies diferentes porque cada um tinha sua peculiaridade para povoar a placa de Petri.

Nesse caminhar com a arte, percebi que não há um caminho a priori, a pesquisa em arte vai se dando na medida em que você vai tendo os encontros que te fazem ter que tomar as decisões sobre pra onde se vai. Um artista pesquisador precisa criar esses caminhos, precisa ir percebendo forças que podem ganhar forma na visualidade da obra. Uma das minhas questões nessas produções artísticas é como que posso criar algo em que os contornos da ciência e da arte não sejam percebidos. Então tento estar no laboratório, tatear como quem pisa em uma areia de praia, que não se sabe quente ou fria, que não se sabe fina ou grossa, mas que se quer experimentar para arrancar dali algo que seja possível de afetar.

Receita da água (batata)

37g — 1000ml (água destilada)

- FAZER 100ml

- esterilizar 1 dia antes

→ conferir se tem alguma garrafa com água batata na geladeira com mais de 10 dias (antes de fazer!)



Ficava observando a relação entre as diferentes formas de crescer que também só eram possíveis por conta do meio de cultura que usamos. Para esse fungo específico, usávamos Cromágar Candida, porque assim ele podia se colorir em tons de azul/roxo/branco. Eles surgiam com suas cores, nuances de cores, nunca exatas. Seguia tentando pensar em algo para o projeto. Nada aparecia e percebia que precisaria criar um espaço para frestas. Me esvaziar de algumas experiências anteriores para poder ser povoada por um devir fungo, deixar que eles emitissem suas partículas; ao mesmo tempo, precisava também da solidão, pois com ela poderia me deixar invadir por multidões de forças estranhas. A solidão era necessária para me possibilitar ouvir os ruídos do silêncio que ela produz. Criar exige de mim essa experimentação com a escrita de abrir mão de tudo que pode marcar um papel.

Então a solidão me ajudaria a tatear Fortaleza e tatear Fortaleza, que já não era apenas uma cidade, mas uma imensidão de intensidades, talvez me ajudaria a encontrar as

linhas de fuga.

Sem essa solidão, a gente não cria nada, é uma solidão povoada por intensidades humanas e não humanas, um momento nosso com os nossos demônios. Faço dessa solidão um silêncio porque esse é um dos meus jeitos de me proliferar. Fortaleza tem uma potência enorme, talvez pelo calor dos trópicos, talvez porque o vento que canta de outra forma, talvez pelo desconhecido que era pra mim. De tal forma que já sabia que queria levar algo de fora para dentro do laboratório. Acho que queria aquilo que não era tão manipulável como a gente consegue fazer no laboratório. As linhas que tracei com os fungos nas placas de Petri tinham um caminho prévio, talvez por isso não me trouxeram tanta surpresa. Cresceram quase do jeitinho que desenhei, embora depois tenham tomado seu rumo.

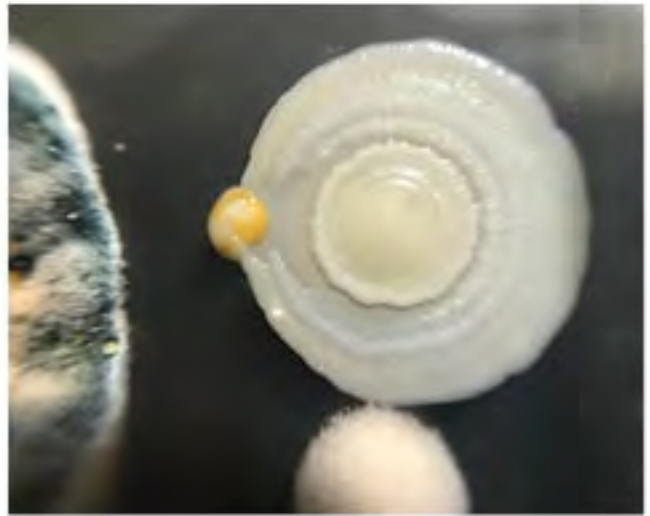
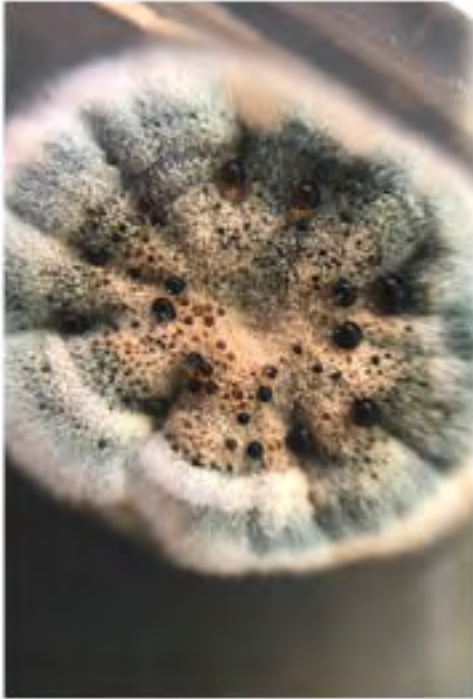
Essa foi a ~~primeira~~ primeira placa de todos. Foi em uma galeria de arte e ela passou pelas mãos de várias pessoas que estavam lá. Os fungos e as bactérias se proliferaram rápido, um fungo (laranjado) soltou hifas para fora da placa. Dá para ver dois halo de inibição (quando uma substância é produzida e impede o crescimento de outros seres - esse é o princípio das antibióticas)

→ Demorei a levar p/ o lab e não deu tempo de incluir a substância





Placa 03
Local de coleta: praça do Ferreira
Dia: 23/06/2019



Acho que, silenciosamente, desejava o incontrolável, o desconhecido, a profusão daquilo que não se sabe. A necessidade de criar aparece quando a gente está diante de algo que a gente não sabe lidar, como diz Deleuze citando Leibniz:

“a lógica de um pensamento é como um vento que nos impele uma série de rajadas e abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar”

E o mar é esse ser feito de peixes, de arraias, de correntes, de navios, de mergulhos, de cheiros, de Iemanjá e a gente precisa experimentá-lo para entrar em relação com suas forças.

Nas minhas andanças pela cidade, decidi que queria questionar os espaços urbanos (embora isso tenha se dissolvido com as coletas); Fortaleza tem lugares incríveis de vistas ímpar e o Poço da Draga foi um dos que mais me chamou atenção. É um lugar que fica no final da praia de Iracema e tem uma ponte que entra o mar. Dessa ponte, muita gente vai lá para pular e mergulhar no mar que ali, parece ser mais verdinho ainda. Tem pessoas que vão ali ficar por longos períodos olhando para mar, como fiz. Dali é possível ver a ponta de um navio naufragado, o Mara Hope, e no dia em que estava coletando fungos na ponte, fiquei pensando em quantas histórias escritas rondam o navio.

Comecei a coletar esporos de fungos e bactérias da microbiota do ar. Fazia isso preparando placas de Petri com ágar batata no laboratório de micologia. O ágar parece uma gelatina e dá consistência ao meio de cultura, ao mesmo tempo que serviria de alimentos para os que se grudasse ali. Foi relativamente fácil perceber que quanto mais pessoas aglomeradas, maior a diversidade de fungos e bactérias que cresciam na placa. Eles gostam do calor das nossas peles e ficam ali nessa composição com a gente. As pesquisas científicas sobre essa microbiota que se prolifera em nossas peles têm mostrado como podem manter saudáveis relações com a gente, contrariando as buscas pelo excesso de assepsia.

Das primeiras placas tirei fotos aleatórias, sem me preocupar muito com o intervalo de tempo entre elas. Conseguia ver a dinâmica dos fungos e bactérias ao ocuparem a placa, a profusão de cores, de formas, de vapor d'água que soltavam com suas respirações. Alguns não soube distinguir o que eram: cresciam feito fungos, mas pareciam formar colônias feito bactérias. E não me importava muito saber o que era, me interessava pelas composições que faziam.

Decidi então que tiraria fotos a cada 30 minutos da placa (foi preciso uma programação em processing e a montagem de um improvisado estúdio fotográfico). Observada diariamente as placas e me impressionava com elas, seja pelas velocidades com que cresciam, pelas cores, formas ou por algo que mexia em mim naqueles momentos em que pegava as placas. Ia para o laboratório tirar fotos na lupa para conseguir ver e mostrar mais detalhes. Depois de mais ou menos uma semana, as placas precisavam ser descartadas porque o meio de cultura rressacava. Seguia novamente o protocolo científico: descartava as placas para serem autoclavadas lá (isto é, serem exposta a altas temperaturas) e depois de limpar a caixa de acrílico com álcool 70% e formol, deixava durante alguns minutos na luz ultravioleta.



Fotos gentilmente tiradas por Bruno Nascimento

O descarte das placas (após as fotos) era feito no laboratório, cumprindo os protocolos de biossegurança. As placas são postas na autoclave (a máquina que esteriliza tudo - com altas temperaturas). No ~~to~~ laboratório todos os experimentos eram feitos no decorrer da semana e nas sextas há uma escala para realizar esse procedimento. Portanto, sexta-feira era o dia do ~~descarte~~ descarte.

Essa cabine é o fluxo onde a gente faz alguns experimentos. Fazemos lá por uma questão de proteção (é um protocolo do lab).

A luz UV a gente ~~tem~~ também usa também para esterilizar. Depois de limpar as caixas de acrílico que usamos para tirar foto das ~~fun~~ placas com formal, eu colocava um minuto nessa luz UV.
 → É preciso cautela p/ usar essa luz: pode queimar a pele...



Foto: Bruno Nascimento

Algumas dessas fotos foram postadas em uma conta de instagram (@protocolofungo) que mantenho até hoje para divulgar os projetos que desenvolvo. Registrava porque sabia que seria incapaz de guardar aquilo tudo em mim e sabia que precisaria recorrer a outros recursos. Observar o crescimento dos fungos tão pertinho de mim, me dava uma alegria, deslocava tanta coisa. De tempos em tempos, sigo visitando a barra de rolagem do instagram para ver novamente essas fotos.

Observava os fungos com minhas solidões. E tudo isso já estava escrito antes mesmo desse texto. Com as inúmeras fotos que tirei, foram feitos timelapse pra produzir vídeos. **É possível falar que foi essa obra que me tirou do buraco.** Me direcionava para o final da minha pesquisa e olhava nosso cenário político sem grandes expectativas; a ciência sendo atacada de diversas formas; as universidades tendo cada vez mais suas verbas cortadas; faltava ágar no laboratório, o ingrediente mais básico para qualquer pesquisa dessa temática; e pela primeira vez na trajetória da UFC, o reitor indicado na lista tríade por votação da comunidade científica, não tinha sido o indicado pelo então presidente da república. Tempos sombrios em que o fascismo cada vez mais adentra as redes de relações.

**Questionava:
como estamos nos
proliferando?
Como estamos
produzindo as
singularidades das
nossas existências,
dos nossos
convívios?**

A coleta de fungos virou uma obra de arte chamada “Proliferações” que compôs a instalação artística exposta em Fortaleza, em agosto de 2019 na Sem Título galeria. Foi essa obra que fez o meu encontro com o “tempo da delicadeza” que o Chico Buarque canta para falar sobre possibilidades de viver as partículas intensas de um amor. Ele precisa de um afastamento para fazer vibrar essas intensidades nos corpos dos amantes. Nessa canção Chico coloca o vivido em suspensão, desafia o tempo cronológico para encontrar um tempo que refaz o que desfez.

**Preciso não dormir
Até se consumir
O tempo
Da gente
Preciso conduzir
Um tempo de te amar
Te amando devagar
E urgentemente
Pretendo descobrir
No último momento
Um tempo que refaz o
que desfez
Que recolhe todo o
sentimento
E bota no corpo uma
outra vez**

Esse amor como um acontecimento sem sujeitos que aguarda “a gente se desvencilhar da gente”, que desorganiza corpos para criar esse tempo da delicadeza que povoa esses corpos com toda a intensidade, “onde não diremos nada, nada aconteceu, apenas seguirei como encantado ao lado teu”. Um tempo que torna urgente as intensidades, quando nada precisa ser dito. Esse tempo da delicadeza chegou silenciosamente nas minhas experimentações de escrita. Via toda a dinâmica sendo produzida na placa de Petri, nada escrevia, nada falava, apenas era invadida por aquelas movimentações, agressivas e delicadas. Uma das vezes vi um crescimento bem estranho.

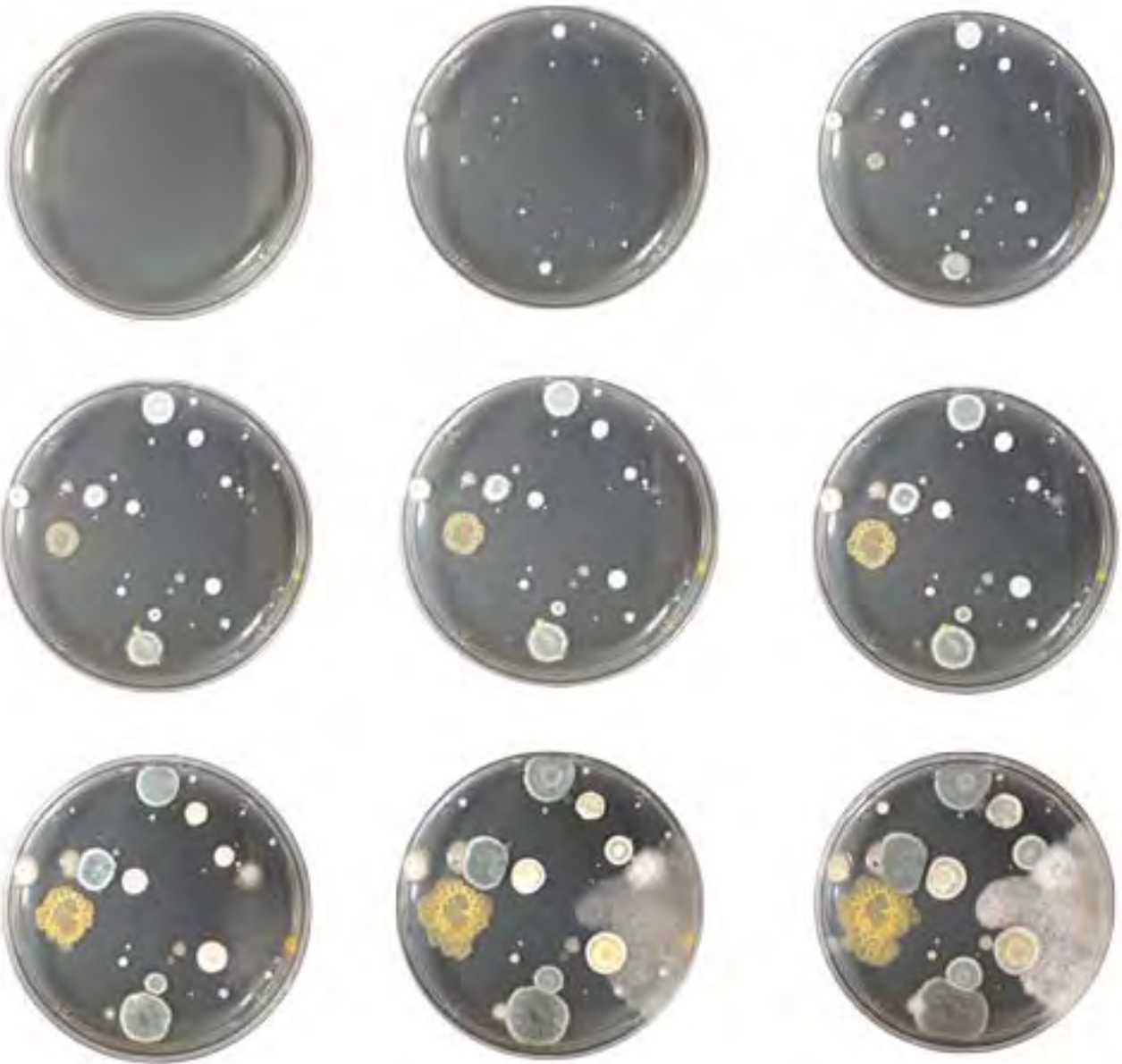
E isso aconteceu uma única vez: um **fungo** cresceu por cima da **colônia de bactérias**, mas sem encostar nela. Talvez as bactérias tenham produzido alguma substância que o repeliu; ou talvez ele mesmo tenha criado sua estratégia para atravessar a bactéria, sem encostá-la; vai saber. De tal maneira que eles souberam criar algo.

Negociavam suas existências para criar
uma outra.

Fungo ponte, bactérias rio.

Acho que agora que compartilho pela primeira vez essa lembrança, ela me traz uma potência outra para pensar nisso tudo que foi esse projeto e de como me movimentou.

Essa foi uma das placas que fotografei durante ± 7 dias. No começo (até o 4º dia), o crescimento dos fungos e bactérias é rápido. Passado esses dias parecem que crescem mais lentamente, sobretudo porque começam a se encontrar nas placas. Até mesmo ao 7º dia, parecem não crescer mais, mas crescem (as mudanças visuais nas placas são mais sutis).



**“Não há obra de
arte que não faça
apelo a um povo
que ainda não
existe”**

Essa frase foi dita por Deleuze e ela me embala, sobretudo hoje que falo sobre esse tempo de delicadeza. Sigo vivendo a intensidade daquelas coletas que me ajudaram, e me ajudam, a criar estratégias para criar atravessar o caos. O gesto de abrir as placas para receber os esporos era abrir também para a possibilidade de criação de outros mundos, outras composições, outras existências. **Era deixar a placa ser povoada por estranhos devires, estranhas criações, sem forma, sem trajetória prévia.** E os povoamentos da placa eram também os meus. Entramos em relações, atualizamos nossas virtualidades.

Pra viver isso, precisei me esvaziar; precisei me isolar; precisei encontrar forças que pudessem potencializar meus sentidos; colocar em suspensão o tempo cronológico. Precisei desses encontros que as coisas iam tomando forma na lentidão da abertura da placa ou na velocidade do crescimento dos seres invisíveis à serem coloridos. A coleta fez-se em buracos e frestas, dos rastros deixados, dos esporos que abriram mão de suas condições de esporos para se metamorfosear na placa e da experimentação com esses seres, até então, invisíveis. Talvez por isso, essa coleta nunca tenha um fim, assim como também não teve começo.

Fica uma porta aberta, uma placa com inúmeras possibilidades para a gente experimentar. E experimentar é como sentir um vento no rosto, que te impele ao mar.

**E o mar,
a gente só inventa se experimentar.**

Fortaleza te encorava com lâpis por
cima de linhas retas por recuo de
mar. Silenciosamente me conecto ~~com~~
com as profundezas dos teus mares, a
força de tuas águas, como tuas costas
me festa. Silenciosamente fui guardando
esta saudade: tu, teu mar, nossas
brancas e uma colita que nunca terá
fim...

Obrigada, Fortaleza.

Fabiola Fonseca



Agradecimentos: agradeço imensamente à professora Sâmia Brilhante por ter aberto as portas do laboratório pra mim; as pessoas que pesquisam no laboratório e que, momentaneamente, abandonaram seus postos para me ajudar com as minhas inquietações (Renan, Bruno, Gigi, Anderson, Jow, Exedito, Gêssica, Glaucia, Gerlane, Lana, Xhulla, Raquel, Vandi, Gleici, Ana, Nicole, Fernando; à Tetê ao seu João que sempre foram de uma enorme prestatividade e simpatia; aos que embarcaram comigo e participaram da performance: Ada, Nathália, Levy, Juliana, Luan, Renan, Jô, Larissa, Icaro, Tieta, Denilson, Wellington; aos que participaram das filmagem: George, Francisco, Guilherme e Alfredo; à parceria do Reno; aos meus supervisores Cesar, Ada e Claudia. Obrigada por me ajudarem a ver o mar!

Escrever é usar a força do corpo, os nossos gestos, os nossos silêncios e solidões; é usar nossas possibilidades de deslocamentos; é escrever com a boca, com o estômago, com os olhos, com as formigas. Escrever é deixar que gritem em nós as raposas, as baleias, as samambaias, os vermes, as pedras, as nuvens. E a gente nem precisa de palavras pra isso porque escrever é escutar um enorme barulho quando a sua volta está o mais absoluto silêncio. A gente começa a escrever com as mãos vazias, distantes de lápis, canetas ou qualquer outro tipo de tinta capaz de iniciar um papel (ou equipamento eletrônico). Acho que a questão de escrever passa por isso também, da gente se esvaziar pra começar a se proliferar sabe-se lá por onde. E esse movimento é um dos encantamentos da escrita:

perder-se para perceber as frestas, os vazios, os silêncios, os sons e cheiros.

Talvez este seja um aprendizado sobre como transbordar pela escrita, a me deixar povoar por essas estranhas partículas de quando a gente decide escrever. Isso tem sido parte do meu processo criativo, pequenas experimentações de escrita. A coleta de fungos que fiz na cidade de Fortaleza foi também uma dessas experimentações. Mudei para cá no começo de 2018, quando meu projeto foi aprovado por um edital da FUNCAP para jovens doutores e precisaria criar uma obra de arte ou melhor, uma instalação artística como dizia no projeto, a partir de uma residência em algum laboratório de pesquisa em biologia. O meu projeto foi aceito pelo Programa de pós-graduação em Artes no Instituto de Cultural e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC).